

*Associação livre*

ANO II, EDIÇÃO IV, JUNHO DE 2014

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA



---

***A HISTÓRIA DAS IDEIAS***



*Almiardi 2013*

## APRESENTAÇÃO

Esta edição reúne temas desde a poesia de Mia Couto, por Cíntia Albuquerque; a vida e obra de Ariano Suassuna, por Helena Pontual; às vivências pessoais, na clínica ou fora dela, de Pedro Jabur, Keyla Vale, Daniela Boianovsky, Veridiana Guimarães e Marina Abdalla. E as ilustrações de Alexandre Ricciardi. Sylvain Levy traz um original ensaio sobre a noite. Às reflexões de Avelino Neto e Aurea Cerqueira sobre formação e ofício psicanalítico, juntam-se as do filósofo Friedrich Nietzsche, num atualíssimo questionamento sobre o futuro dos institutos de formação, transcrito nestas páginas. Por fim, professor Luiz Tenório Lima conta-nos como desenvolveu um profundo conhecimento da história das ideias. Resta citar Mia: “Para falar destas coisas uma ciência única não basta. Nós temos que ter vozes diversas”.

*Cláudia Carneiro*, editora

## NESTA EDIÇÃO

Mia Couto – O olhar psicanalítico do poeta biólogo • **Cíntia Albuquerque** • 3

Uma pensata sobre Ariano Suassuna • **Helena Daltro Pontual** • 5

A noite • **Sylvain Levy** • 8

Contador da história • Entrevista com Luiz Tenório Oliveira Lima • 12

De coisas não só do Reino da Dinamarca • **Avelino Neto** • 18

Trânsito livre para o ofício psicanalítico • **Aurea Chagas Cerqueira** • 20

Pensamentos sobre o futuro de nossos institutos de formação • **Friedrich Nietzsche** • 21

Inconsciente no céu aberto da cidade • **Pedro de Andrade Calil Jabur** • 23

Por um instante só... • **Keyla Carolina Perim Vale** • 25

Um vaso de flor... • **Daniela Boianovsky** • 26

Amor: Desejo do que não se tem • **Veridiana Canezin Guimarães** • 28

Inquietações • **Marina Abdalla de Souza Porto** • 30

## QUEM SOMOS

Edição e Revisão  
CLÁUDIA CARNEIRO

Equipe Editorial  
CARLOS CESAR M. FRAUSINO  
CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE  
HELENA DALTRO PONTUAL

Ilustrações  
ALEXANDRE RICCIARDI

Projeto Gráfico e Diagramação  
JULIANA ALBUQUERQUE  
WWW.JUALBUQUERQUE.COM

Impressão e Apoio  
GRÁFICA E EDITORA POSITIVA LTDA

Diretoria da SPB  
CARLOS DE ALMEIDA VIEIRA, *Presidente*  
MARIA HELENA DE OLIVEIRA CASTRO, *Secretária*  
ANA VELIA VÉLEZ, *Tesoureira*  
MIRIAN RITTER, *Diretora Científica*  
MARIA SILVIA VALLADARES, *Diretora do Instituto*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,  
filiada à Federação Brasileira de Psicanálise, FEBRAPSI,  
e à International Psychoanalytical Association, IPA.  
WWW.SPBSB.ORG.BR • SPBSB@SPBSB.ORG.BR  
JORNAL@SPBSB.ORG.BR

# MIA COUTO

## O OLHAR PSICANALÍTICO DO POETA BIÓLOGO

*Cíntia Xavier de Albuquerque*

Ao ouvir a conferência de Mia Couto na UFRJ (setembro/2013), fui tomada por espantos. Senti desejo de partilhar com meus colegas psicanalistas essa experiência emocional. Ao mesmo tempo, minha paixão e reverência pelo poeta moçambicano me fazem temer interferir nas suas falas e estragá-las. Por isso quis desistir. Não consegui. Tentarei, delicadamente, extrair da fala de Mia Couto alguns tesouros. E vou deixá-los meio soltos... que viva cada um sua própria rede associativa.

Ele se propõe a falar da oralidade “não falando muito dela”. E diz que utiliza, na escrita, afetos, vínculos, memórias, pessoas: “não há aqui um saber formal, não sei explicarme”. De início decide contar, aproveitando o fato de ser biólogo, “como a voz se tornou corpo” na espécie humana: há centenas de milhares de anos houve uma mutação genética essencial para um grupo de símios que tinha um crânio muito volumoso. Isso fez com que nascêssemos numa fase muito precoce do nosso desenvolvimento, com o crânio um pouco menor, mas necessitando de total amparo após o nascimento. Já nascemos em situação de risco.

“Tivemos que inventar uma espécie de um segundo ventre, um ventre protetor que prolongasse esse efeito de aconchego que era o ventre materno. Esse novo ventre, esse novo aconchego, não é feito de carne, de matéria, mas é feito de afetos, é feito de vozes, é feito de relações que são inventadas. Esse ventre chama-se infância. A infância não foi inventada pela espécie humana. Na história da evolução quem inventou a infância foram os pássaros. Curiosamente quem inventa o voo inventa também a infância. As aves são os primeiros a tratar das crias, a colocar nisso um empenho tão vital que esse sentimento nós já podemos chamar de amor. Começa ali. É uma relação que acaba por confundir aquilo que é mãe e o que é filho.” Então a infância começa

antes de nascermos!

Mia prossegue: “e essa vida que temos nessa câmara obscura, essa vida intrauterina, é uma espécie de uma avalanche, um furacão de eventos que se sucedem de uma maneira veloz, cada vez mais acelerada. Mas, num certo momento – vou falar do cérebro, só –, há uma construção que é feita a um ritmo de 250 mil novas células por minuto. É alguma coisa que não pode ser comparada com nenhuma outra máquina... dentro deste ventre, nós começamos a ouvir muito antes de ver. Começamos a ouvir a partir dos três meses.”

Nesse momento Mia fala de dentro de sua mãe, numa proximidade comovente com seu próprio interior. Agora agrega palavras . E, abençoado como é, fala poesia:

“Então nesse momento estamos encerrados dentro de um oceano. Acho que aqui começa esse grande fascínio pelo mar. Porque vivemos submersos nesse oceano interior... obviamente, estando dentro de um líquido, os sons são amplificados... o som, primeiro, do nosso próprio coração, que começa a bater antes de termos mãos ou pernas. O coração já existe e nós escutamos a nós próprios, mas escutamos, sobretudo, a voz da nossa mãe. Esse é o primeiro contato com alguma coisa que é uma espécie de um sentimento vago... está ali um outro, que também tem um coração que bate. E essa voz da nossa mãe é como se fosse uma espécie de parte de nós próprios, como se fosse um eco, indistinto de nosso próprio ser. Esse bater do coração da mãe eu acho que é importante porque marca uma espécie de primeiro compasso. Um primeiro tambor que está sincopando o tempo. Entre o ritmo do coração, entre a voz da mãe, entre essa espécie de silêncio dessa água onde vivemos nove meses, nós aprendemos muito a sermos nós próprios. E aprendemos a fazer uma certa distinção, que é sempre muito fluida, entre o que é do outro e o que é próprio.”

Após o nascimento começa a construção do segundo ventre, a infância. Esse ventre é literalmente construído ... “através das vozes, dessa fala que ainda não está formada por palavras, mas a adivinhação que se faz do rosto que chega, porque vemos desfocado, esse tempo que passa entre o chorar e a presença desfocada de alguém, essa aprendizagem que temos do próprio tempo, é feita nesse momento. E, curiosamente, essa primeira linguagem que nós temos é feita por vogais. Eu gostaria de ver aqui não só uma incapacidade, mas as vogais são aquelas que melhor transmitem isso que é o espanto, que depois nos persegue toda a vida. Há ali uma fabricação, entre lágrimas e esperas, uma fabricação do tempo, e é aqui que nasce a oralidade.”

Mia justifica sua incursão pela biologia: “Para falar destas coisas uma ciência única não basta. Nós temos que ter vozes diversas, porque somos tanto feitos de corpo quanto de palavras. Não é possível separar.”

A infância é toda preenchida pelas vozes da casa primeira, “como se elas próprias fossem uma casa”. O terceiro ventre. “Depois eu percebi que quando se perde o ventre materno, que depois vai ser reinventado, a gente inventa sempre um novo. Eu inventei vários.” Seus pais eram contadores de histórias, mas ele diz não recordar de nenhuma: “Portanto o que me fascinava não era o conteúdo da história, mas o momento de encantamento, era ter na cabeceira minha mãe e meu pai só para mim, inteiramente só para mim.”

Quando começou a “enfrentar a leitura”, essas vozes, reminiscências com presença quase física, o expulsavam do ato de ler. Era preciso um esforço enorme para voltar ao texto. Nós, psicanalistas, conhecemos isso. Viajamos muitas vezes enquanto lemos. Não vamos em busca das lembranças. Elas é que nos sequestram para dentro.

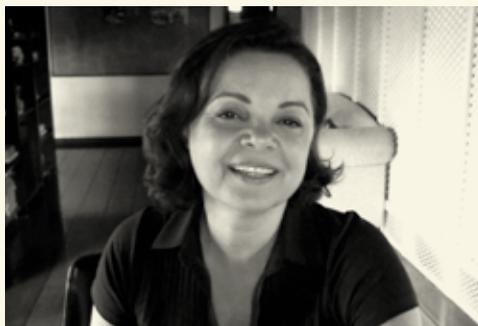
Começou a escrever “muito animado por esta ideia de autorizar, dar permissão a essas vozes antigas que já me assaltavam”. Mas como Mia (que tem esse apelido porque gosta

muito de gatos) sempre surpreende: “O que me atrai nesta coisa de ser escritor é exatamente deixar de ser escritor... e para escutar inteiramente os outros eu tenho que estar disponível, não posso ouvir os outros na condição de escritor. Eu tenho que me apagar a mim próprio ... que essas vozes que acontecem tomem posse de mim inteiramente e eu seja ocupado pela infância outra vez.”

Essa intenção de disponibilidade nós também conhecemos bem. E sabemos como é enrascado querer ouvir o outro com qualquer espécie de encomenda acoplada. Toda interferência aqui é perigosa.

Vamos concluir num dos espaços preferidos por Mia: a cozinha. Ali a mãe se ocupava com as vizinhas, e o menino, sentado no chão para fazer os deveres da escola, “via essas saias que ondulavam, como se houvesse ali uma brisa, um mistério”. Elas falavam baixo, “como se houvesse sempre um segredo, algo que só se pudesse dizer naquele sussurro. E aquilo me encantava como se houvesse ali um templo... como se o que estivesse a acontecer fosse da ordem da alquimia...um acontecer de coisas... então foi nessa cozinha que eu mais me fiz poeta”.

E agora vou saindo assim de mansinho, sonhando ter deixado espantos e encantamentos salpicados por aí.



*Cíntia Xavier de Albuquerque é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# UMA PENSATA SOBRE ARIANO SUASSUNA

*Helena Daltro Pontual*



Advogado, professor, dramaturgo, ensaísta, poeta, romancista e defensor da cultura popular do Nordeste, o também conhecido decifrador de brasilidades Ariano Vilar Suassuna, que faz vibrar por horas a fio uma plateia cheia de entusiasmo, completou 87 anos no dia 16 de junho de 2014. Desde 1990 ocupa a cadeira 32 da Academia Brasileira de Letras, e continua nos emocionando com suas obras, entrevistas e presença em palestras e bienais de livro.

Nascido em Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa (PB), Ariano sofreu, ainda

criança – pouco mais de três anos de idade – um luto que o fez vítima de intenso sofrimento e que o marcaria por toda a vida: o assassinato de seu pai, João Suassuna – que governou a Paraíba de 1924 a 1928 –, ocorrido às vésperas da Revolução de 1930, no Rio de Janeiro, em consequência de divisões e lutas políticas na Paraíba. Com isso, sua mãe, Rita de Cássia Villar, se transferiu com os nove filhos para Taperoá, onde Ariano fez o curso primário.

No sertão paraibano, ele se familiarizou com os temas e as formas de expres-

são que vieram compor mais tarde toda a sua obra. Em 1942, a família mudou-se para Recife (PE), onde Ariano reside até os dias de hoje. No dia seis de outubro de 2010, outra tragédia na vida do escritor: seu filho Joaquim suicidou-se aos 50 anos de idade. Juca, como era conhecido, era médico pneumologista e pai de dois filhos. Segundo versões de familiares, ele sofria de depressão e teve que suspender a medicação ao ter contraído tuberculose. O suicídio ocorreu após almoço na casa de Ariano, quando Juca se dirigiu para a casa da irmã, Maria. Duas grandes perdas, e de maneiras dramáticas, ressignificadas a cada momento em sua vida e obra.

### PRIMEIROS TRABALHOS

Foi na capital pernambucana que os primeiros textos de Ariano foram publicados, primeiramente nos jornais da cidade e, depois, em livros, peças teatrais, ensaios e adaptações para a televisão e o cinema. Foi também em Recife que se formou em Direito e se ligou a um grupo de jovens escritores e artistas. Casou-se em 1957 com Zélia de Andrade Lima e teve com ela seis filhos. Lançou, em 1970, o famoso Movimento Armorial, com o concerto *Três séculos de música nordestina: do Barroco ao Armorial*, e uma exposição de gravura, pintura e escultura.

Com múltiplas atividades no campo da cultura e das artes, Ariano foi ainda secretário de Educação e Cultura do Recife de 1975 a 1978, e professor da Universidade Federal de Pernambuco por mais de 30 anos, onde lecionou Estética e Teoria do Teatro, Literatura Brasileira e História da Cultura Brasileira. Nessa mesma universidade, concluiu um doutorado em História. Seu *Romance da Pedra do Reino e o príncipe de sangue do vai-e-volta*, publicado originalmente em 1971, foi relançado em 2005 e teve sua segunda edição esgotada em menos de um mês, coisa rara para um livro com 754 páginas. O famoso *Auto da Compadecida*, de 1955, conquistou a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais. A peça, montada e remontada para teatro, televisão e cinema, projetou o Brasil e foi traduzida para nove idiomas.

### MONUMENTO AO PAI

O *Romance da Pedra do Reino* foi escrito por Ariano em memória a seu pai, quando se completaram 40 anos do assassinato. Foi uma forma de homenageá-lo, disse o escritor em entrevista para os *Cadernos de Literatura Brasileira*. Ele nega, entretanto, que essa

escrita seja uma espécie de vingança de sua parte, afirmando que foi uma tentativa de recuperação (reparação?). “Por isso eu acho o nome pedra muito importante. É como se eu encaixasse uma pedra angular para erguer um monumento a meu pai”, disse.

No prefácio à edição de 1971, a escritora Raquel de Queiroz diz que *Pedra do Reino* é muito mais do que um romance picaresco: é odisseia, é poema, é epopeia, é sátira, é apocalipse. É também, segundo ela, “um livro tumultuoso de onde escorre sangue e lágrimas, onde há sol tirando fogo das pedras, luz que encandeia, um humor feroz e uma mais feroz e desabrida aceitação da fatalidade”. Entre todos os ricos e variados elementos da narrativa, a escritora resume que o foco principal “é uma força de paixão, uma gana de recaptura, dentro do elemento criador”. Há no livro “uma beleza que dói e machuca”, como no personagem Rapaz-do-Cavalo-Branco, cordeiro inocente nascido de uma raça amaldiçoada, cuja sina é a morte, como o Rei D. Sebastião – e como o pai de Ariano. Um livro que é, enfim, o próprio Suassuna e não só seu protagonista D. Pedro Dinis Quaderna, este sim, herói maldito e grotesco, um conceito que Suassuna faz dos homens.

Raquel fala das perdas vividas por Suassuna: “Lembre-mos de que Suassuna olha para esse mundo com a visão do exilado, ainda na adolescência arrancado ao seu sertão natal; por isso sempre o descreve muito belo e mágico; por isso tem recuo suficiente para descobrir o mistério onde os da terra naturalmente só veem o cotidiano”. Para Raquel, a inspiração de Ariano é gerada, principalmente, na perspectiva destorcida pela lembrança e pela saudade. Talvez ele nem possa mais distinguir o que é concreto e o que é miragem e nem se importa com isso. O personagem Quaderna, no final, só quer ser um exímio retratista de miragens.

Na primeira parte do livro, a definição de Ariano sobre *Pedra do Reino*: “Romance enigmático de crime e sangue, no qual aparece o misterioso Rapaz-do-Cavalo-Branco. A emboscada do Lajedo sertanejo. Notícia da Pedra do Reino, com seu castelo enigmático, cheio de sentidos ocultos! Primeiras indicações sobre os três irmãos sertanejos Arésio, Silvestre e Sinésio. Como seu pai foi morto por cruéis e desconhecidos assassinos, que degolaram o velho Rei e raptaram o mais moço dos jovens Príncipes, sepultando-o numa Masmorra onde ele penou durante dois anos! Caçadas e expedições heroicas nas serras do Sertão! Aparições assombráticas e proféticas! Intri-

gas, presepadas, combates e aventuras nas Caatingas! Enigma, ódio, calúnia, amor, sensualidade e morte!”

Assim como na vida de Ariano, existem fogo e sangue nessa história, que acontece numa Paraíba alucinada e lancinante, onde a família Suassuna viveu momentos de dor, tragédia e alegria. Conforme frisou o escritor e poeta Bráulio Tavares, os personagens se debatem entre a visão e o erro, dilacerados entre a tragédia passada e a redenção futura. “Sua grandeza cósmica é temperada pelo seu senso de humor, pelo seu erotismo transgressor e convulso, e pelo impiedoso desvendar das querelas municipais e dinastias políticas do Nordeste”, observou. De acordo com Tavares, *Pedra do Reino* é o texto de Ariano que melhor exprime o seu conceito de “realidade transfigurada”, visão de uma realidade mais transcendente e de outra mais pés-no-chão.

### PROCESSO CRIATIVO

“Arte pra mim não é produto de mercado. Podem me chamar de romântico. Arte pra mim é missão, vocação, festa”, resume Ariano, mostrando sua postura sempre lúdica diante da vida e de sua obra. Donald Winnicott, em seu livro *O Brincar e a Realidade* (1971), diz que a capacidade criativa é a raiz que permitirá mais tarde à criança sustentar-se por si mesma e suportar as decepções e o reconhecimento da existência de limites, em substituição ao sentimento de onipotência original. Essa capacidade, extraordinariamente exemplar em Ariano, é o instrumento que torna possível, no adulto, uma adaptação não submissa do indivíduo ao meio, lhe permitindo manter o sentimento de ser autêntico nas interações com o mundo. Para Winnicott, o viver está ligado ao criar, pois é somente sendo criativo que o indivíduo descobre seu verdadeiro *self*.

É no brincar, e talvez somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral, segundo Winnicott. Esse brincar deve se dar em um ambiente próprio que permita à criança entre os brinquedos no chão e ao adulto no divã, por meio de um discurso livre, transmitir uma sucessão de ideias, pensamentos, impulsos e sensações sem conexão aparente, que vão comunicar ao analista as conexões existentes por meio da manifestação da ansiedade e outras defesas que buscam salvaguardar o aspecto temido.

Ariano brinca o tempo todo com gestos e palavras, não apenas no uso do humor em sua obra, mas até mesmo em sua postura de deitar-se no chão do Aeroporto de Brasília para esperar o voo que o levaria de volta a Recife, depois de ser homenageado na Bienal do Livro da capital federal. A criatividade é o elemento que põe sua vida em movimento, que despertou a força agressiva ressignificada em sua obra e o fez viver seus lutos e perdas. É a criatividade que lhe permite brincar com a realidade, desbravar o mundo em busca do novo e conquistar espaços cada vez maiores para si e para a vida.



*Helena Daltro Pontual é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb e jornalista.*

# A NOITE

*Sylvain Levy*



A noite sempre exerceu fascínio sobre o homem. É nela que se expressam alguns medos ancestrais: escuro/escurecimento, desconhecido/desconhecimento, ameaça e morte. Muitas vezes o conceito de infinito abarca esses pensamentos.

Como dizia Manuel Bandeira: “Le silence éternel avec leurs espaces infinis m’effraie” (O silêncio eterno com seus espaços infinitos me assusta).

O medo é elemento estruturador da psique animal. É fator de vivência e de sobrevivência. O medo permite o desenvolvimento de sua antítese e complemento, o acreditar. Engana-se quem contrapõe a coragem ao medo. São elementos constituídos por emoções diferentes.

O contraponto do medo é o acreditar. Sem contar os dementes e os tendentes ao suicídio, uma pessoa comum só atravessa uma rua (sem se valer do auxílio de semáforos e faixas para pedestres) se acreditar que vai chegar incólume ao outro lado. Não é preciso coragem para tomar essa atitude, só essa crença.

Assim, podemos pensar que só conseguimos adormecer (e sonhar) se acreditamos que vamos acordar posteriormente. Ou seja, para dominarmos nosso medo do escuro da noite, do desconhecimento que vamos enfrentar com o desligamento da vigília pelo sono, do desconhecer do que virá nos sonhos e das ameaças irracionais do medo da morte, repetindo, para controlar tudo isso só acreditando que vamos conseguir acordar e tudo vai desaparecer até a próxima noite.

A noite não é uma circunstância qualquer. É um acontecimento aterrador, desde que o homem é...?

A representação da noite tem muitas faces: poética, pictórica, oral e numérica e talvez essa seja a mais expressiva.

Os matemáticos usam  $\mathbb{N}$  para se referir ao conjunto de todos os números naturais. Os números naturais surgiram pela necessida-

de de contar coisas. É um conjunto infinito que começa no zero e vai aumentando uma unidade sucessivamente sem chegar a nenhum final. A partir dessa concepção é desenvolvida a Teoria dos Conjuntos, que vai representar seus elementos de duas formas principais: quando podemos contá-los, diz-se que é um conjunto finito e é representado por uma letra ou símbolo identificador do conjunto de seus elementos. Entretanto, quando não podemos contá-lo, dizemos que é um conjunto infinito, representado pela letra  $\mathbb{N}^1$ , numa notação matemática universalmente aceita.

Outra notação matemática universalmente reconhecida é a que simboliza o infinito, representada pelo número 8 deitado, o  $\infty$ . Ou lemniscata<sup>2</sup>, figura geométrica em forma de hélice, que tem um significado mais amplo e muito mais antigo.

“Simbolicamente a lemniscata representa o equilíbrio dinâmico e rítmico entre dois polos opostos. Foi largamente usada nos desenhos celtas e insistentemente reproduzida em seus intrincados desenhos de formas. A lemniscata, principalmente em suas representações celtas, nos remete diretamente ao “Ouroborus”, símbolo antiquíssimo, resgatado pela tradição alquímica, onde se vê uma serpente que morde o próprio rabo e devora a si mesma”.

“Ainda podemos observar a lemniscata nas curvas do Caduceus (o cetro da dupla serpente), símbolo da Medicina e manifestação de Hermes; nos meridianos do fluir da Energia Vital descritos pelas medicinas tradicionais hindu e chinesa e pela acupuntura. A lemniscata repete-se no próprio movimento das galáxias, das estrelas e dos planetas, na astronomia e na astrofísica. A lemniscata está presente na dupla hélice do DNA componente de todos os seres vivos deste planeta”.

“A lemniscata tem significado milenar, re-

presentando o equilíbrio dinâmico, perfeito e rítmico entre os polos opostos constitucionais do corpo humano: o polo metabólico e o polo neurosensorial. Carl Gustav Jung refere-se a este símbolo como o ‘Mysterium Conjunctionis’ (Mistério da Conjunção), resultado do ‘Hieroghamos’ (Casamento Sagrado), equilíbrio do Masculino e do Feminino Universais, essência fundamental da mente humana e, em uma visão mais ampla, da existência humana em si”. (Fonte: <http://bruxasdaluz.blogspot.com.br/2010/05/lemniscata-o-simbolo-do-infinito.html>)

Em muitos idiomas do ramo indo-europeu<sup>3</sup>, a palavra NOITE é formada pela letra “N” acrescida do número 8 na respectiva língua. Não é preciso lembrar, mas o faço assim mesmo, que o 8 “deitado” também simboliza infinito.

Escritos de viajantes europeus pelo continente asiático, nos séculos XV, XVI e XVII, assinalaram as semelhanças entre os idiomas mais antigos conhecidos – sânscrito, grego, latim e persa. O primeiro relato a mencionar o sânscrito veio de Filippo Sassetti (nascido em 1540), um mercador florentino que viajou ao subcontinente indiano e esteve entre os primeiros observadores europeus a estudarem a antiga língua indiana. Escrevendo em 1585, notou diversas semelhanças entre palavras do sânscrito e do italiano – como, por exemplo, *deva* / *dio*, “Deus”; *sarpah* / *serpe*, “serpente”; *sapta* / *sette*, “sete”; *aṣṭa* / *otto*, “oito”; *nava* / *nove*, “nove” (Sylvain Auroux, *History of the Language Sciences*. Berlin, New York: Walter de Gruyter, 2000. 1156 p).

Em várias das línguas desse ramo, podemos entender a expressão NOITE como a união dos infinitos:

Português: noite = n + oite (o)

Inglês: night = n + (e) ight

Alemão: nacht = n + acht

Espanhol: noche = n + ocho (e)

Francês: nuit = n + (h) uit

Italiano: notte = n + otto (e)

Sueco: natt = n + atta (oito)

Dinamarquês: nætter = n + otte (ae tem som de êû)

Norueguês: natt = n + åtte (oito sem e)

Islandês: nótt = n + atta (ó tem som de éu)

Iídiche: נאַכט (noite) (se pronuncia NACHT) - אַכט

(oito) (se pronuncia ACHT)

Irlandês: noite é oíche e oito é ocht (não tem o n, mas mantém a proximidade com o infinito)

Latim: noctis = n + octo (is)

Letão: nakts = n + akts (ato) astoņi (oito)

Romeno: noapte = n + opt (oito)

“Musicalmente, o conceito de infinito pode ser encontrado, por exemplo, nas belíssimas fugas de Bach, com notas seguindo notas de forma a gerar uma sensação de verticalidade sonora, a música do homem ascendendo ao firmamento divino. A mesma verticalidade é encontrada na arquitetura das catedrais góticas ou na pintura de El Greco, com suas imagens esticadas de Cristo, novamente ligando o mundo dos homens ao céu de Deus. Aliás, essa também é a interpretação da primeira letra do alfabeto hebreu, o aleph, que tem uma perna plantada no chão e outra apontando para o céu” (Marcelo Gleiser, *Folha de São Paulo*, 14 de janeiro de 2001).

“Nas representações do infinito, encontramos uma belíssima complementaridade entre arte e ciência. Vários exemplos de representação gráfica do infinito aparecem na obra de M. C. Escher, um verdadeiro mestre do absurdo que, com suas representações de formas geométricas encurvadas repetidas em sequência, mas em proporções cada vez me-

nores (ou maiores, dependendo do ponto de vista), reproduz em papel uma imagem do infinito extremamente convincente e inspiradora” (Marcelo Gleiser, *idem*).

A união dos infinitos pode significar uma das essências da vida, o sincretismo, a nossa tendência a sintetizar os objetos encontrados (sejam reais ou imaginários, externos e internos) ao longo da existência, e a nossa capacidade de racionalizar o conhecimento, aí entendido como a apreensão da realidade, seja ela interna ou externa.

Einstein falava de um universo curvo e isso coloca a possibilidade de o infinito estar no

início. No início de nossos pensares, o que nos permite imaginar que a mente não tenha limites, assim como o universo. Esses limites são sempre destruídos após a próxima descoberta, que é gerada por outra ilimitada característica animal, a curiosidade.

Curiosidade e temor andam juntos como irmãos siameses, ligados pela mesma pulsão de vida. Precisamos do dormir para termos o acordar. Precisamos do sonhar para conhecermos a vigília. Não precisamos da morte para saber da vida e, afinal, a vida é um evento finito sem duração definida.

## ENDNOTES

1 Notação matemática é uma linguagem cuja grafia e semântica se utilizam dos símbolos matemáticos e da lógica matemática, respectivamente. Com base nessa notação são construídas as sentenças matemáticas.

2 A lemniscata foi descrita primeiramente por Jakob Bernoulli em 1694 como uma modificação da elipse, que é o lugar geométrico de pontos para qual a soma das distâncias para cada um de dois focos fixos é uma constante<sup>1</sup>. A Oval de Cassini, por sua vez, é o lugar de pontos para os quais o produto destas distâncias é constante. No caso onde a curva atravessa o ponto no meio caminho entre os focos, a oval é uma lemniscata de Bernoulli. Bernoulli chamou isto de *lemniscos*, que em latim significa “faixa suspensa”. A lemniscata pode ser obtida como o inverso geométrico de uma hipérbole, com o círculo de inversão centrado no centro da hipérbole (bissetriz de seus dois focos). Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Lemniscata\\_de\\_Bernoulli](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lemniscata_de_Bernoulli)

3 O indo-europeu é uma família (ou *filó*) composta por diversas centenas de línguas e dialetos, que inclui as principais línguas da Europa, Irã e do norte da Índia, além dos idiomas predominantes historicamente na Anatólia e na Ásia Central.



*Sylvain Levy é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# CONTADOR DA HISTÓRIA

ENTREVISTA COM LUIZ TENÓRIO OLIVEIRA LIMA

Cláudia Carneiro e Carlos de Almeida Vieira



*Luiz Tenório: leitor, na infância, do Tesouro da Juventude, ao despertar pelo estudo das humanidades.*

Nas suas vindas à Sociedade de Psicanálise de Brasília, onde reúne um grupo de professores em torno de seu curso sobre o desenvolvimento do pensamento freudiano, o professor Luiz Tenório Oliveira Lima nos revela que sua familiaridade de transitar por distintas áreas do conhecimento humano, e reuni-las num complexo harmonioso, vem de suas origens. Natural de Inhambupe (BA), antiga cidade na região “entre o litoral, o agreste e o Recôncavo baiano”, o psicanalista, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, médico psiquiatra e escritor Luiz Tenório sabe caminhar por fronteiras. E, desde a adolescência, seu percurso foi marcado por um profundo interesse pelas ideias – da filosofia, da antropologia, da literatura, da psiquiatria, da psicanálise. Interesse que faz dele um apaixonado contador da História do pensamento ocidental, em cujo berço foi embalado o pensamento freudiano e constituído o campo psicanalítico.

**AL** • Como professor e pesquisador da obra freudiana, você denota uma paixão pelas ideias e pela história das ideias. De que modo a sua história contribuiu para você desenvolver seu método de investigação da psicanálise?

**TENÓRIO** • Desde a infância, lia muito. Minha mãe era professora e tinha uma biblioteca razoável, fui tomando gosto. Lia obras de mitologia; coleções de Monteiro Lobato; *o Tesouro da Juventude*. Aquele mundo me fascinava e fui me interessando pela leitura de textos históricos. Na adolescência minha atração era pelo estudo das humanidades. Mas queria um tipo de formação mais consistente e acabei fazendo o [curso] científico. Tomei gosto pelas ciências, a história das teorias físicas, Madame Curie, Isaac Newton. E decidi fazer medicina.

Quando entrei na faculdade, eu vivia na

biblioteca atrás de histórias da medicina, defrontei-me com questões como especialização, cercando-me de colegas da boemia literária. Entrei para a política estudantil e com o pessoal da filosofia continuou meu real interesse pelas humanidades. Depois do golpe de 64, retornei com a ideia de fazer psiquiatria. No grupo da psiquiatria havia curso de antropologia e interesse em psicanálise. Fiquei sempre com esse gosto pela antropologia. A paixão pela psicanálise começou lá na Bahia e vim fazer a formação em São Paulo, onde comecei a trabalhar como psiquiatra, em sanatório, Hospital das Clínicas e Hospital do Servidor, onde trabalhei por 12 anos coordenando cursos e conciliando atividade clínica com didática.

**AL** • Você pensou em reunir essas áreas de interesse num projeto acadêmico?

**TENÓRIO** • No HC veio a ideia de fazer mestrado e doutorado. Minha orientadora do mestrado em antropologia na USP era Eunice Durham, grande antropóloga, e com Ruth Cardoso tive seminários de estruturalismo. Lévi-Strauss estava no auge. Nessa época houve um curso extraordinário que me orientou metodologicamente para o estudo da história das ideias, do professor Ruy Coelho, sobre sociologia da literatura. Tive acesso a revistas e títulos franceses nas diferentes áreas e, preparando-me para entrar no Instituto da SBPSP, comecei a ler os artigos do Lacan. Terei sido um dos primeiros da psiquiatria a ler, em São Paulo, o seminário da *Carta Roubada*, de Lacan, em 1972. E também [a ler] Michel Foucault. Propus a *Carta Roubada* como meu seminário de pós-graduado. (Risos) Só um nordestino para ter a pretensão de fazer um seminário sobre Edgar Allan Poe e a *Carta Roubada*, a partir do seminário de Lacan sobre esse conto! A repercussão foi maior do que o seminário mereceria, pela novidade que era!

Houve um segundo e importantíssimo curso. Marilena Chauí havia retornado da Europa com um curso extraordinário sobre fenomenologia de Merleau-Ponty. Eu me situei na filosofia moderna, pela porta de Merleau-Ponty. Essas três áreas – filosofia, literatura e antropologia – consolidaram e deram uma forma àquela curiosidade minha e mantiveram meu interesse, desde então.

**AL** • Nessa época, você circulava com um grupo de intelectuais ligados à literatura e às artes, incluindo

ícones como Antônio Cândido.

**TENÓRIO** • Assisti a algumas aulas dele de literatura brasileira. Tive aproximação de amigos dele, amizades mantidas até hoje: Davi Arrigucci, José Miguel Wisnik, Roberto Schwarz. E Fernando Novais, da História. Mas eu precisava fazer minha pesquisa de mestrado. Naquela época o Paulo Cesar Sandler trabalhava na Escola de Saúde Pública e me ajudou a fazer os programas e a recolher o material no laboratório da Lapa, onde os estudantes do curso experimental faziam estágio. Mas não concluí a pesquisa: em 1975 nasceu minha filha, em 1976 eu já estava no Instituto de formação em psicanálise, havia a clínica, as aulas, não havia bolsa, fui ficando pressionado e conversei com Eunice. Até hoje ela não me perdoa por não concluir o mestrado. Não me profissionalizei nessa área da história das ideias, sou um militante profissional da psicanálise. Por isso, para falar da história das ideias, estou sempre respaldado na leitura da Freud, pois não sou filósofo, nem antropólogo, nem historiador das ideias. Sou psicanalista e gosto de estudar nesse enquadre.

**AL** • Mas você já inaugurava uma relação de seu estudo da história das ideias com a clínica psicanalítica.

**TENÓRIO** • Em relação à história das ideias da psicanálise, este envolvimento foi surgindo progressivamente. Prossegui dando aula, pedi demissão como professor assistente da USP e fiquei só com clínica psiquiátrica. A partir de 1978 formei grupos de estudo que se prolongaram até 2005. Foram gerações sucessivas. Muitos dos colegas que passaram por esses grupos hoje são analistas didatas. Estudávamos sempre Freud. Esse gosto foi se desenvolvendo e, com o tempo, resvalou para estudarmos os antecedentes, a história da psicanálise de um ângulo não tradicional. Quanto às escolas psicanalíticas, eu não sou identificado com uma escola de forma radical. Passei a fazer seminários de Klein no Instituto, eventualmente de Bion. Meu trabalho lembra o trabalho de meu analista, o Laertes Ferrão, tido como kleiniano, bioniano, mas não era nem bioniano, nem kleiniano (risos). Essa minha perspectiva observacional tem a ver com ele, pois através dele tive contato com Popper. Ferrão citava Popper, fez várias publicações relacionadas à lógica da investigação científica e reapareceu em mim o gosto pela epistemologia.

**AL** • Há um trabalho de Laertes Ferrão, de 1977, que ficou famoso: “Eu vi um balão no céu”.

**TENÓRIO** • Exatamente, um trabalho extraordinário. Comecei, então, a adotar uma metodologia que se afastava do modelo estruturalista, no qual fiz minha formação. Me afastava da natureza abstrata para algo mais próximo de minha clínica e provavelmente de minhas identificações objetais como analista. Fiz minha primeira supervisão com Dona Lígia, que abriu muitas ideias para mim, e mais quatro anos de supervisão com Frank Philips. Esse percurso contribuiu para eu formar uma espécie de matriz clínica, muito pessoal. Quando me vi num movimento mais epistemológico, com origem entre 1985 e 90, comecei a me organizar e a partir de 2000 passei a dar seminários na SBPSP, depois fui convidado para o Centro Cultural Maria Antônia e, há 10 anos, para a Casa do Saber. Com a necessidade de preparar cursos para uma população mais mesclada, entre interessados da psicanálise, fui desenvolvendo tal habilidade.

**AL** • Até que ponto seu estilo de ensinar contribuiu para uma nova maneira de se ministrar seminários nos Institutos de psicanálise?

**TENÓRIO** • Inicialmente eu não esperava essa repercussão. Na SBPSP, esse trabalho existe há uns 15 anos. O pessoal que se formava passou a adotar método semelhante, cada qual com sua característica pessoal e modo de pensar a psicanálise. Isso é também fruto de uma necessidade, não só do tipo de exposição metodológica feita por mim. Não por acaso, está cada vez mais fácil achar literatura psicanalítica sobre história das ideias, com essas características. Recentemente os livros sobre Proust e psicanálise começaram a surgir de forma inesperada, creio que isso corresponde a um amadurecimento e uma renovação da leitura de Freud, mais ampla e conceitual. A fronteira entre psicanálise, literatura e estética é uma necessidade do tempo. Outro aspecto é que não há mais grandes mestres, em torno dos quais formam-se grupos. O último deles foi André Green. Quando um grande mestre morre, sua obra passa a ser vista com mais liberdade. Há uma multipolarização saudável, com vários polos teóricos e clínicos. Alguns autores, o próprio Green, consideravam isso um problema. Os ingleses achavam que era preciso encontrar

uma base comum para as discussões analíticas. Esta já existe: são as condições em que a clínica analítica se estabeleceu e permite que os analistas exerçam suas funções e criem, desenvolvam ou repliquem as teorias. Quanto mais diversidade, melhor.

**AL** • Recentemente Renato Mezan lançou um livro com essas características, *O tronco e os ramos*.

**TENÓRIO** • Você lembrou bem. Já comprei o livro e gostei muito do título, uma metáfora simples, mas muito rica, que usei muito. Esse tronco vai até 1914, a partir dessa época surgem outros ramos. Renato é pioneiro nesse trabalho muito antes que eu o desenvolvesse. E o fez de forma muito eficiente. Antes da formação analítica, ele teve uma formação acadêmica em filosofia e fez sua pesquisa. Vejam seus primeiros trabalhos: *A trama dos conceitos*, *Freud pensador da cultura*. Entre nós, em São Paulo, Mezan é quem considero mais importante nesse trabalho.

**AL** • Que autores contribuíram para o método histórico de investigação que você desenvolveu para o estudo da psicanálise?

**TENÓRIO** • Costumo citar dois artigos os quais deram forma àquilo que considero a história das ideias, no plano da psicanálise. Um deles é o artigo de Merleau-Ponty de 1951, “O homem e a adversidade”, está publicado no livro *Signos*. A primeira parte desse artigo é dedicada a Freud e à psicanálise, num período em que ela ainda não dispunha de muito respaldo na filosofia. Merleau-Ponty observa que Freud pode ser mencionado como aquele que traz, pela primeira vez, o corpo para o primeiro plano, junto à vida psíquica. Nesse artigo ele diz que a grande obra nunca é o efeito da vida, mas uma resposta aos problemas da esfera íntima e aos problemas do seu tempo. Freud é exemplar nisso, porque busca a resolução de um problema íntimo e de um problema do tempo.

O segundo artigo, de Victor GoldSchmidt, é de 1950/51 e está publicado no livro *A Religião de Platão*. Chama-se “Tempo histórico e tempo lógico na interpretação dos textos filosóficos”. Descreve o uso do tempo histórico e do método ‘genético’, quais as suas vantagens, e propõe a leitura no tempo lógico dos textos filosóficos, independentemente da cronologia, que é a leitura estruturalista. GoldSchmidt estava no Brasil no final dos anos 40. Até então eu não tinha noção clara

da leitura estruturalista e o tempo histórico foi posto de lado. E percebi a diferença. O estruturalismo tentou superar, nos estudos históricos franceses, a tendência marxista de usar um modelo histórico, hegeliano e positivista. Tanto que Louis Althusser fará uma crítica a esta forma de leitura e adota uma leitura estruturalista de Marx, no livro *Pour Marx*, e uma interpretação estruturalista de *O Capital*. Como Lacan recupera Freud para o estruturalismo – a forma mais moderna no pós-guerra, Althusser, que era do Partido Comunista, faz isso com Marx, em seu célebre livro *Lire Le Capital*.

Os estudos históricos ficaram restritos aos países de língua inglesa, nos trabalhos de Karl Popper, por exemplo. E veio o extraordinário livro de Thomas Kuhn, *A estrutura das revoluções científicas*. A literatura de história das ciências e história das ideias, das universidades de língua inglesa, não se contaminou inteiramente pelo modelo estruturalista. O livro do Henri Ellenberger, *História da Descoberta do Inconsciente*, também extraordinário, está sendo recuperado agora pela Roudinesco, que fez um enorme prefácio para a edição francesa. É um clássico dos anos 70, uma obra prima.

**AL** · Pode citar uma vantagem de se adotar o método histórico?

**TENÓRIO** · Trabalha-se com a história das ideias, pode até se ter uma distância crítica, mas não se identifica e não se cria rivalidade entre as teorias. Criam-se muitas condições para que o leitor possa, livremente, fazer suas relações e ter suas impressões.

**AL** · Em suas aulas, o pensamento de Nietzsche ganha destaque no estudo da história da psicanálise. Pode-se dizer que Freud foi influenciado por Nietzsche?

**TENÓRIO** · No meu modo de refletir sobre as ideias, historicamente, não uso a noção de influência. Até afirmaria que Freud não foi influenciado por Nietzsche, como não foi influenciado por John Stuart Mill, Fechner ou Goethe. Freud viveu durante um período sob um clima cultural, e compartilhou com vários escritores e cientistas a mesma atmosfera cultural. Sofreu impacto desses autores na medida em que esses autores sofreram impacto de toda uma época científica sobre eles. Freud esteve sob o impacto do positivismo. Um autor que viveu na França, entre 1947 e 1980, por exemplo, viveu o impacto de



uma geração poderosíssima de autores criativos ligados ao estruturalismo. É inequívoco. Nietzsche e Freud são filhos de uma mesma atmosfera cultural e científica e procuram responder, cada um à sua maneira, às questões postas por essa problemática cultural. Da mesma forma, Edmund Russel responde às mesmas questões de Freud, construindo um modelo, a filosofia fenomenológica, que, por sua vez, será fonte de inspiração para Binswanger, Ellenberger, Jaspers, e de certo modo Heidegger. E repercutirá, no pós-guerra, nos autores franceses, muito mais do que nos autores de língua inglesa.

**AL** • Na obra de Nietzsche pode-se ver alguns conceitos com que Freud trabalhava em sua época.

**TENÓRIO** • Um pouco depois, por causa da diferença [de tempo]. Do ponto de vista de Freud e da psicanálise, na perspectiva da história das ideias, podemos incluir Schopenhauer, que é a grande presença no início do pensamento de Nietzsche, em *O Nascimento da Tragédia*. Depois Nietzsche se afasta de Schopenhauer e constrói uma série de modelos ainda dentro do clima positivista, que vai até a *Genealogia da Moral*, textos que Freud só vai ler depois de 1886. Mas Freud, quando retorna à questão que chama de “a minha psicologia”, reencontra esses conceitos que já vinha intuindo e formulando, mas estava aprisionado ao modelo da neurofisiologia. Isso ocorre só depois que ele volta para a clínica, o que será de grande utilidade para a psicanálise. Freud vai reconhecer explicitamente uma influência de Schopenhauer sobre ele. A teoria de Freud sobre o inconsciente, uma invenção sua, guarda muita relação com a teoria explicitada por Schopenhauer em *O mundo como vontade e representação*. Esta será uma fonte profunda de inspiração para Nietzsche, na leitura da Antiguidade, muito mais do que Hegel. Hegel não tem nenhuma pertinência para a psicanálise, Lacan é que vai trazê-lo para a sua própria leitura de Freud.

**AL** • Os pensamentos de Freud e Nietzsche se encontram na crítica à metafísica?

**TENÓRIO** • Não diria dessa forma. Nietzsche, sem dúvida, faz progressivamente a crítica da metafísica. Freud não, ele faz a crítica de um tipo de empirismo, do positivismo que aprisiona, para resolver seu problema técnico – e não filosófico – sobre a histeria. O trabalho de

Freud não tinha a finalidade da filosofia; ele lidava com uma problemática metodológica, vinda da medicina para resolver um problema que inicialmente era da histeria. Ele tenta com o *Projeto* resolver desse modo, percebe que fracassou e vai então fazer outra descoberta, que é a situação intrafamiliar, a partir de sua autoanálise, e chega à situação edípica. Isso traz tantas consequências e é a solução de um problema, próxima à solução de problemas filosóficos. Aí Freud se aproxima de Nietzsche e dos críticos da metafísica.

**AL** • É bom lembrar que Freud e Nietzsche, pessoalmente, nunca se encontraram.

**TENÓRIO** • Nunca se encontraram. Tiveram vários amigos comuns. Freud tinha um colega de Liceu que teve contato com Nietzsche; outro colega médico era também amigo de Nietzsche e o atendeu em Turim, antes de morrer. E, depois, Lou-Andreas Salomé, que se tornou amiga de Freud já perto dos 50 anos, por volta de 1905. Ela ficou fascinada por Freud, tinha discussões religiosas com ele. Depois da publicação de *O Futuro de uma ilusão*, em 1927, a correspondência entre os dois é um debate religioso e Salomé, que sempre manteve uma certa religiosidade, critica Freud por demolir as religiões institucionais.

**AL** • Como tem sido a experiência de conversar sobre essas questões com um grupo de professores do Instituto da SPBsb?

**TENÓRIO** • A experiência para mim deu seguimento ao que eu venho fazendo, de uma forma que permite expandir mais esses elementos. Além de ser uma oportunidade muito boa, assegura a esse método a possibilidade de ele prosseguir através de outras pessoas, com outros estilos, de outros modos. O que estou tentando transmitir é o método, e tenho tido uma boa resposta dos grupos com quem trabalho.

**AL** • Que sugestão daria aos que iniciam o estudo do pensamento freudiano? Por onde começar?

**TENÓRIO** • É uma pergunta difícil de responder, porque o começo é sempre casual. Tem-se que estar disponível ao acaso. Para uma pessoa iniciar, ela precisaria ter certo acesso a esse caminho. Existem muitos termos de introdução a Freud, até meu próprio livro (*Freud*, Publifolha, 2001), que acho não ajuda muito, é mais para quem já tem conhecimento.

**AL** · Há grande variedade de autores que apresentam o estudo de Freud. Na sua visão, como seria um programa para estudar o pensamento freudiano, dentro dos institutos de psicanálise?

**TENÓRIO** · Considerando um estudo curricular, um módulo inicial seria a partir da formação do jovem Freud, suas relações com as humanidades, com o curso do Franz Brentano, a dedicação à pesquisa, indo até 1886. Um segundo módulo seria de 1886 a 1896, a clínica com Breuer, os estudos sobre a histeria, o *Projeto* e a correspondência com Fliess. E um terceiro módulo, a gênese de *A Interpretação dos Sonhos*, a partir de 1897. Esse percurso pode preparar muito bem um aluno para o estudo posterior, aí sim, de Freud. Com relação às biografias, a mais bem documentada continua sendo os três volumes de Ernest Jones, juntamente com as cartas trocadas com Fliess. Está resolvido até *A Interpretação dos Sonhos*. Depois disso, complica-se, principalmente em relação à crise de 1911 a 1914, importantíssima para a psicanálise contemporânea. A ruptura teve consequências institucionais, no modo privado de formação, na relação com a universidade, na qual até hoje há uma posição híbrida, um conflito permanente. Está tudo na história do movimento psicanalítico e precisa ser estudado num segundo projeto, que vai da primeira tópica até as mudanças que vão desembocar na segunda tópica. Dos livros de introdução, um extraordinário chama-se *As ideias de Freud*, de Richard Wollheim, importante filósofo inglês que faleceu há pouco tempo. Sua especialidade era arte e estética. Trabalhou com Hanna Segal, participou de vários grupos de estudo sobre psicanálise, com um grupo kleiniano nos anos 60, e um dos resultados foi esse livro. Há também um ensaio dele maravilhoso, que o Paulo César Souza traduziu e publicou no livro *Sigmund Freud e o gabinete do Dr. Lacan*.

**AL** · Nessa era de velocidade e necessidades imediatas, você acha que a psicanálise continua nova?

**TENÓRIO** · Ela corre o risco de não se renovar, todos nós corremos esse risco. Ele existe para qualquer atividade científica. No caso da psicanálise, temos um agravante, que é a forma como nos organizamos. Isto foi resultado de uma escolha, depois de uma crise entre a aplicação da psicanálise e transmissão do saber psicanalítico e o grupo de Zurique,

com Bleuer, Jung etc. Foi uma grande ruptura, expressa nos textos de Freud, tanto na *Introdução ao narcisismo*, quanto na *História do movimento psicanalítico*. A partir dali se organizou um modelo privado de formação. Nosso método de seleção, com acesso aberto para quem preencher certas condições, de natureza psicológica ou não, e a formação que requer análise pessoal não são compatíveis com a Academia. Essas organizações tendem a se autoconcentrar e sua renovação, nessas condições, é muito difícil.

**AL** · Você sugere aproximar-se da universidade?

**TENÓRIO** · A aproximação com a universidade é muito complexa, pois uma condição para isto é a perda da análise pessoal como requisito de formação. Numa universidade não se pode obrigar uma pessoa [a fazer análise] como condição para formação. Há muitos problemas. Se por um lado o modelo das instituições psicanalíticas traz uma dificuldade de renovação, por outro, assegura condições mínimas para transmissão da experiência psicanalítica, muito mais do que outras instituições. As instituições lacanianas têm uma série de problemas para transmissão, porque esta é baseada na autointitulação. O modelo da IPA, mesmo com todos os problemas, ao menos pode assegurar essa transmissão de uma forma mais consistente. O perigo de não se renovar vale para todos e é um problema para nós resolvermos ou para as gerações seguintes.

**AL** · No debate atual, há uma tendência para tornar a psicanálise uma espécie de psicoterapia.

**TENÓRIO** · Nada contra a psicoterapia, ou contra analistas a exercerem, mas o modelo psicanalítico não é da mesma natureza da psicoterapia. Para formar alguém com título de analista, ele precisa desenvolver a experiência do modelo psicanalítico. Ele tem que usar meios psicanalíticos para obter fins psicanalíticos. Isso não é claro? Se você tem um modelo, você pode ter um aspecto mais valioso do ponto de vista epistemológico. Isso não o impede de usar outros modelos menos consistentes, porém úteis. Se perdemos os balizamentos mais rigorosos para a formação, corremos o risco de nos tornarmos uma espécie de homeopatia, que continua eficaz, tem utilidade, mas se distanciou do *mainstream* da ciência médica.

# DE COISAS NÃO SÓ DO REINO DA DINAMARCA

...MAS NÃO NECESSARIAMENTE PODRES. COISAS DE GENTE.

**Avelino Neto**

Longe de criticar colegas que compõem a maioria silenciosa, faço em pouco espaço uma conjectura a partir de um fato não imaginário: de tantos e tantos membros de nossa sociedade, apenas três se manifestaram a partir de carta escrita por um colega, na qual fazia uma análise crítica de como vê o funcionamento do órgão formativo de nossa sociedade, e assumia ser um vértice particular! Como apenas os membros associados e titulares tomaram conhecimento daquela carta, só me cabe dizer aos naturalmente curiosos que o teor era de ideias quanto ao funcionamento da formação que nossa sociedade oferece através de seu instituto com tal função. Não citar o autor da carta não tem como intenção tirar dele a autoria, mas proteger setting psicanalítico.

Não vem ao caso, no momento, o fato de que, se autor tivesse sido eu, a carta teria sido distribuída para todos, por considerar que todos participam da formação e são todos adultos. Como não vem ao caso meu testemunho particular de que o amadurecimento de filhos é algo que depende intrinsecamente da confiança que os pais têm na possibilidade de eles se tornarem indivíduos responsáveis. E os pais nisto ajudam permitindo-lhes o compartilhamento de questões grupais, nas quais podem desenvolver sua capacidade de enfrentamento criativo de situações adversas ao indivíduo e ao grupo.

Se assim não for, ao invés de criatividade responsável perpetua-se a imitação de comportamentos paternos, que nem sempre servem, pois as circunstâncias são mutáveis. Nossos colegas em formação não são nossas crianças e este é motivo suficiente para não serem tratados como tal! Que saibam do que acontece em sua casa! Isto dará mais trabalho emocional para eles próprios ou seus pares mais experientes, leia-se professores, supervisores, analistas, diretores e diretorias? Certamente! Mas a vida é trabalho mobilizador

de mais vida. A pulsão de morte, desmobilizadora de vida e tendente ao zero, é mais infiltrada nos grupos do se supõe. Pode estar sub-repitiadamente infiltrada e sob a aparência de qualidades virtuosas.

Minha conjectura referida logo no início é que a maioria não partilha da importância que aqueles três veem, além do autor da carta-estímulo! A maioria aceita convites para ouvir a respeito em reuniões, mas não se pronuncia. Comparo aqueles quatro, dos quais sou um, aos integrantes do Incrível Exército de Brancalone – filme de 1966, dirigido por Mário Monicceli e magistralmente interpretado por Vittorio Gassman –, mas sem o caráter burlesco e meio idiota daquele exército. Em outras palavras, tanto o alegórico exército quanto seus observadores silentes e bem comportados, como é de se esperar de uma plateia que assiste a propostas de concertos (com o mesmo) institucionais, agem em acordo com o que lhes é próprio. Uns se expõem, a maioria se cala e, assim, não se caracteriza o aforismo de Nelson Rodrigues segundo o qual toda unanimidade é burra. Desta praga, escapamos!

Então, para o analista tem ou não relevância o assunto político-administrativo da formação, após ele ter concluído seu programa formal e recebido seu diploma?

Para mim é assunto em aberto, francamente, pois é de se dar importância à maioria, independentemente de se concordar ou não com ela. A maioria é omissa ou sábia? Obtusa ou perspicaz? Não sei bem. Já soube. Ou achava saber! A maioria também supõe saber mais que a minoria, vale dizer, ser sábia. E a minoria supõe o mesmo em relação à maioria.

Jamais havia pensando que o que há de comum entre maioria e minoria é o suposto saber. Nisto convergem, mesmo que se digladiem.

Os diversos modelos de formação psicanalítica estão a serviço de quê? De favorecer ama-

durecimentos de potenciais particulares, ou são formações reativas a supostos exércitos estrangeiros? Não sei, mas já pensei que sabia. Modelos de formação ou estratégias de sobrevivência? E o bicho nas tripas do humano?

Se eu pudesse, sugeriria aos colegas assistirem ao filme alemão “A onda”, sobre formação e formatação de neófitos.

Certa vez, em um seminário que tive o privilégio de apresentar um caso clínico psicoterápico de uma criança psicótica no Departamento de Psiquiatria da Universidade de Brasília, o saudoso e perspicaz e perspicuo Paulo Setti, diretor do órgão, sugeriu que se poderia fazer uma enquete para saber o que a imensa maioria da população intra e extramuros achava da importância de Universidades. Ele achava que se poderia ter uma surpresa, nem esperada, nem agradável!

Em nosso caso, longe de mim a ousadia de sugerir uma enquete semelhante, exceto intramuros e, de antemão, com a quase certeza de que não passariam de três gatos pingados os que se disporem a manifestar-se, mesmo sem serem identificáveis. Mas, reuniões e jornadas e assembleias sempre haverá. E depois, um almoço, um jantar, e agradáveis e alegres conversas, como em uma peça de Shakespeare.

Particularmente, entendo que diretorias e comissões de ensino exerçam a função de pensar e repensar a formação e fazer propostas de eventuais mudanças que entendessem necessárias para o bom andamento de nosso Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo. Se diretorias e comissões ficarem esperando ouvir a maioria para depois fazerem propostas de melhorias nas leis, um círculo vicioso se perpetua, pois a maioria é silenciosa e penso que o será sempre! E quando digo silenciosa não significa com isto que não faça barulho. Faz sim! Como em uma comédia de Shakespeare.

Minha suposição esperançosa, talvez ingênua, é que se algo puder ser sugerido por figuras paternas e maternas, com autoridade político-administrativa e eleitas pela maioria, uma reação a favor ou contra poderia acontecer: a manifestação de mais gatos do que os mesmos pingados de sempre!

No balaio estamos todos.

## PARÁGRAFO ÚNICO

Uma análise didática é diferente de uma não didática?

Sim e não. Sim, porque o analista em formação é mobilizado por vivências que podem ter semelhança com outras formações que ocorreram antes da psicanalítica, mas de maneira alguma iguais. A circunstância da formação

psicanalítica é necessariamente diferente de outras, por óbvio, e os circunstantes tornam-se diferentes, embora não virem outras personalidades. E não difere de uma não didática, porque o que importa em uma psicanálise são as mobilizações presentes na hora da sessão.

Já ouvi dizer que a análise didática (que é apenas um apelido para classificar aquela que fazem um analista com função no Instituto e um analisando em busca de uma formação) seria diferente porque, por exemplo, teria de se dedicar mais ao narcisismo do analista em formação, ou às suas transferências e supostas contratransferências e coisas tais que, a meu ver, caracterizam mais uma formatação psicopedagógica do que uma psicanálise. O mesmo vale para a supervisão oficial e a não oficial.

Obviamente, este posicionamento decorre de minhas vivências como analisando, e como psicanalista, de análises didáticas e não didáticas. Posicionamentos quanto a isso só serão verdadeiros e consistentes tendo o psicanalista passado por todas as experiências psicanalíticas, vale dizer, experiências vividas e vívidas. E participado de análises e supervisões como psicanalista ligado a um instituto que se dedica a formação de mais psicanalistas.

Quem não passa por isto tudo só pode ficar fazendo suposições. É bom que as faça, pois se um dia tornar-se didata, saberá do que se trata e acrescentará, ao que supunha ser, o que de fato é! Amadurecer é ir além do que se supõe, por influência da experiência real e atual com a coisa em si.

Em princípio, todos têm essa possibilidade, se a capacidade decorrente tiver respaldo na personalidade do psicanalista, em formação ou não, e no ambiente no qual convive.

Oferecemos ambiente aos analistas em formação e nesse ambiente há os didatas. Um conjunto e só isso. Se ali se forma uma orquestra ou não, sabe-se lá. Mas, sons haverá sempre, em harmonia ou não!



*Avelino Neto é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# TRÂNSITO LIVRE PARA O OFÍCIO PSICANALÍTICO

*Aurea Chagas Cerqueira*

Tive o privilégio de ter como analistas pessoas com capacidade admirável de transitar por diferentes campos do saber no decorrer dos seus diálogos, fossem com pares, analisando ou outros interlocutores. Minha admiração por essas pessoas manteve-me permanentemente interessada por tudo o que dissesse respeito a esse belo talento no ofício psicanalítico.

Entendo que essa habilidade pode ser sustentada por alguns importantes pilares. O ofício psicanalítico requer do analista um interesse genuíno e constante de aprender; uma relação estreita com distintos olhares acerca do ser humano. Além disso, necessita contar com uma boa dose de liberdade de expressão de ideias e criatividade.

Ocorrem-me três circunstâncias em que um psicanalista encontra-se envolvido com a expressão de ideias: com a comunidade científica em geral, com seus pares e com seus analisandos. No intercâmbio de ideias com a comunidade científica e com seus pares, o profissional faz uso de conhecimentos de técnicas, teorias e de sua experiência clínica. No consultório, além da bagagem teórica e técnica e da experiência necessária, o psicanalista lida com as singularidades humanas, o que torna seu diálogo mais sensível às habilidades de transitar pelo seu cabedal científico.

À primeira vista, pode parecer simples esse trânsito fluido pelo saber e pela expressão de ideias. Há que se considerar as diferenças de personalidade entre os analistas, como maior ou menor extroversão ou introversão. No decorrer da análise pessoal de todo indivíduo interessado no exercício da função de psicanalista, há um aspecto de especial importância para o desenvolvimento da capacidade de transitar livre e criativamente por reflexões: a elaboração de sentimentos relacionados às próprias exigências superegoicas. Refiro-me àquelas que o profissional faz acerca de sua personalidade, suas atitudes e desempenhos. Quando exacerbadas e ainda inconscientes, elas tendem a inibir o profissional, quando em interlocução com os demais. Essa inibição, por sua vez, tende a colaborar para certo isolamento a que o profissional se impõe.

A meu ver, é no consultório que tal temática se apresenta de forma mais sutil e delicada. Do lado do analisando, fazemos a recomendação de que se expresse o mais livremente possível, por meio de associações livres. Do lado do analista, a recomendação se volta para a atenção flutuante e a atividade interpretativa. Ora, se o analista se vê diante de exigências superegoicas exacerbadas, provavelmente ficará impossibilitado de uma escuta livre e criativa que o conduza a interpretações consistentes e pertinentes, o que poderá empobrecer o processo analítico.

Entendo que o exercício da atenção flutuante e da atividade interpretativa requer do analista disponibilidade e liberdade para expressar suas percepções ao analisando, com base na premissa de que o que diz é verdadeiro, mesmo que tenha sido fruto de percepção inadequada. Logo, esse exercício necessita do acolhimento, por parte do analista, de seus possíveis enganos, dificuldades, questionamentos, o que é extremamente difícil de ocorrer caso suas exigências superegoicas sejam elevadas.

É importante que o psicanalista exerça seu ofício dentro das normas metodológicas requeridas; porém, sendo capaz de expressar suas ideias e de transitar pelos diferentes domínios do conhecimento, da forma mais livre e criativa possível. Desse modo, ganham o analista e seus interlocutores.



*Aurea Chagas Cerqueira é psicóloga, mestre em psicologia clínica (UnB), professora de psicologia da Universidade Paulista (Campus Brasília) e membro do Instituto de Psicanálise da SPBsb. ▶*

# PENSAMENTOS SOBRE O FUTURO DE NOSSOS INSTITUTOS DE FORMAÇÃO

DO LIVRO *Cinco Prefácios para cinco livros não escritos*

**De Friedrich Nietzsche**

*O texto transcrito a seguir, cujo título e autor nos provocam instantaneamente a correr suas linhas, introduz um livro que nunca foi escrito. Trata-se do segundo de cinco prefácios que Friedrich Nietzsche, então um jovem professor de filologia clássica na universidade da Basileia, deixou prontos entre 1870 e 1872, para cinco livros que não chegou a escrever. O motivo de sua publicação nestas páginas é a tamanha pertinência e semelhança das ideias postas pelo filósofo alemão, na segunda metade do século dezenove, com questões atuais que reclamam atenta reflexão sobre a formação psicanalítica e sobre nossos institutos. Reflexão frequentemente estimulada por autores que aqui publicam suas opiniões e mantêm aberto o debate nas páginas do Associação Livre. Os cinco prefácios reunidos no livro editado pela 7 Letras (RJ), 2007, têm tradução de Pedro Süsskind.*

“O leitor do qual espero alguma coisa deve ter três qualidades. Deve ser calmo e ler sem pressa. Não deve intrometer-se, nem trazer para a leitura a sua ‘formação’. Por fim, não pode esperar na conclusão, como um tipo de resultado, novos tabelamentos. Não prometo tabelamentos, nem novos planos de estudo para ginásios<sup>1</sup> e outras escolas, admiro muito mais a natureza cheia de força daqueles que estão prontos para atravessar todo o caminho, desde as profundezas do empírico até as alturas dos problemas culturais autênticos, e novamente, dessas para as entranhas dos regulamentos mais áridos e das tabelas arranjadas. Mesmo satisfeito por ter subido, ofegante, uma montanha bem alta, e tendo recebido lá em cima a alegria da vista mais livre, nunca poderei satisfazer os amigos de tabelamentos neste livro. Bem vejo chegar um tempo em que homens sérios, a serviço de uma formação totalmente renovada e purificada, trabalhando em conjunto, vão se tornar de novo os

legisladores da educação cotidiana – esta que leva à referida formação –. Provavelmente deverão elaborar de novo tabelamentos. Mas como está longe este tempo! E o que não vai acontecer até lá! Talvez encontre-se entre ele e o presente a dissolução do ginásio, talvez até mesmo a dissolução da universidade, ou pelo menos uma reformulação tão ampla dos assim chamados institutos de formação, que seus antigos tabelamentos parecerão, aos olhos da posteridade, sobras do tempo das palafitas.

O livro se destina aos leitores calmos, a homens que ainda não estão comprometidos pela pressa vertiginosa de nossa época rolante, e que ainda não sentem um prazer idólatra quando se atiram sob suas rodas, portanto a homens que ainda não se acostumaram a estimar o valor de cada coisa segundo o ganho ou a perda de tempo. Ou seja – a muito poucos homens. Esses, porém, ‘ainda têm tempo’, a eles é permitido, sem que fiquem ruborizados, procurar a reunião dos momentos mais

frutíferos e mais fortes de seus dias, a fim de refletir sobre o futuro de nossa formação, eles podem até acreditar que chegam à noite de modo vantajoso e digno, quer dizer: na *meditatio generis futuri* [meditação da raça futura (N.T.)]. Um homem assim ainda não desaprendeu a pensar enquanto lê, ainda compreende o segredo de ler nas entrelinhas, sim, ele esbanja tanto, que ainda reflete sobre o que foi lido – talvez muito após ter largado o livro. E, contudo, não para escrever uma resenha ou um novo livro, mas apenas assim, para refletir! Esbanjador leviano! Você é o meu leitor, pois será calmo o suficiente para seguir um longo caminho com o autor, cujas metas ele mesmo não pode ver, nas quais deve acreditar honrosamente, para que uma geração posterior, talvez distante, veja com os olhos o que só tateamos às cegas, dirigidos apenas pelo instinto. Se o leitor, em contrapartida, pretender que só um pulo ligeiro é necessário, um ato bem-humorado, se considerar que se alcança tudo o que é essencial com uma nova ‘organização’ decretada pelo estado, então devemos temer que ele não chegou a entender nem o autor, nem o problema propriamente dito.

Por fim, dirige-se ao leitor a terceira e mais importante exigência: a de que ele não se intrometa de modo algum, à maneira do homem moderno, e não traga para a leitura a sua ‘formação’, algo como uma medida, como se com isto possuísse um critério para todas as coisas. Desejamos que ele seja suficientemente for-

mado para pensar em sua formação de modo restrito e até desdenhoso. Então lhe seria permitido abandonar-se com total confiança à condução do escritor que, justamente, só ousa falar do não-saber e do saber do não-saber. Antes de tudo, o leitor não quer recorrer a nada além de um sentimento forte e agitado do que é específico em nossa barbárie presente, daquilo que nos distingue como bárbaros do século dezenove diante de outros bárbaros. Assim, com este livro na mão, ele procura os que são movidos por um sentimento semelhante. Deixem-se encontrar, solitários, em cuja existência eu acredito! Perdidos de si mesmos, que sofrem, em si mesmos, a dor da corrupção do espírito alemão! Contemplativos, cujos olhos são incapazes de escorregar de uma superfície para a outra com uma espiada cheia de pressa! Altivos, que Aristóteles celebra por atravessarem a vida hesitando e sem ação, a não ser que uma grande honra e uma grande obra os reclame! A vocês faço meu apelo. Não se escondam, só desta vez, na caverna de sua reclusão e de sua desconfiança. Pensem que este livro é destinado a ser seu arauto. Se vocês mesmos aparecerem no campo de batalha, em sua própria armadura, quem ainda cobiçará olhar para o arauto que os convocou? –“

(Extraído do livro *Cinco Prefácios para cinco livros não escritos*, de Friedrich Nietzsche, tradução e prefácio de Pedro Süsskind, 4ª edição, Editora 7 Letras, 2007.)

## ENDNOTES

1 Nota: O ginásio alemão (*Gymnasien*) corresponde à reunião do que chamávamos no Brasil de ginásio (quinta a oitava série do primeiro grau) e de segundo grau.

Quando Nietzsche fala, neste prefácio, de “tabelamentos” (*Tabellen*), ele está se referindo à organização do ensino universitário, aos chamados organogramas.

# INCONSCIENTE NO CÉU ABERTO DA CIDADE

*Pedro de Andrade Calil Jabur*

"Minha vida na caverna é só mesmo para escutar (...) Tenho 84 anos mais 14, menos 15, menos 30 e mais 12 por conta do marido que morreu. Soma isso, mais minha experiência com bordado e crochê, mais a pintura que eu sei fazer, corte e costura, peças de roupas, ternos, vestidos de casamento, festa, roupa para ir em missa. Mas o que eu sei fazer mesmo é olhar e escutar (...) Por isso estou aqui, passa muito avião e eu consigo escutar todos eles, escuto avião, helicóptero, carro de polícia, criança pequena, escuto vocês, escuto 'as formiga'. Formiga no pântano, no açude lá na casa da mina mãe. Por isso, se somar tudo, devo ter 325 anos, arredondado (risos). Meu nome é Lucimara de Deus dos Homens. Hoje, amanhã é outro e depois outro e depois outro. O resto do nome eu esqueci, deixei guardado, mas na caverna, a gente guarda e depois perde e passe muito tempo desses 325 anos na rua, então perde mesmo. Se eu me lembrasse onde deixei, mostraria RG e carteira de trabalho. Tava lá escrito "costureira", centopéia de fios. Eu tive três filhos que me deixaram solta na rua, perdi marido, só na 'sufredura' (risos) (...) A noite eu rezo, durmo, rezo de novo, alguém que já conhece minha reza lá na QNL dá um prato de comida, roupa, casaco. Você quer escutar minhas rezas?! Ninguém escuta não... Sou só eu mesma. Meus filhos nunca escutaram, foi por isso que fui para rua... Andei, andei, cheguei aqui a pé... andava na estrada de noite por conta do sol, "dos avião" (...) Mas aprendi que tem sempre onça na espreita, por isso fico quieta, quieta.... tem ninguém para ouvir não. Então o que você acha? Não tem ninguém para ouvir, então ou só escuto (...) Escuto aquilo tudo que falei, com 'os ouvido' e com os olhos".

Este relato ouvido, a pedidos da entrevistada, no meio fio à beira de uma movimentada rua na Ceilândia, faz parte de uma série de pesquisas de um projeto que coordeno com o apoio do CNPq sobre o que hoje se denomina

população em situação de rua.

Encontramos com Lucimara de Deus dos Homens, algumas vezes, andando com uma espécie de manto negro, pelas redondezas do centro de Ceilândia, carregando sacolas grandes e cheias. A aparência: cabelos longos, cinzas embranquecidos, quase como uma bruxa. Mora em vários lugares, prefere, segundo ela, "as cavernas". Quando nos apresentamos pela primeira vez, ela estava morando em uma delas: uma espécie de vão, embaixo do viaduto do metrô. Se esconde de "um monte de gente, mas o pior mesmo são os fantasmas que não param de sorrir e puxar pelo pé".

Em um primeiro impacto, estas histórias das ruas são despejos de miséria, violência, delírios, cheiros, putrefações físicas e sociais, medos e perseguições, concretas e alucinadas. Uma avalanche de perdas: até mesmo nomes e idades. Lucimara poderia realmente ter 84, mais 14, menos 15 ou 325 anos de idade. Lucimara também poderia se chamar Lucimara.

Não foram raras as vezes em que voltava para casa, emaranhado por estas vozes; assustado em estar em um mundo que, de forma direta ou indireta, possibilita a existência dessa caverna (ou de uma caverna qualquer), onde, em minhas fantasias que iam se construindo através dos relatos de Lucimara, vivia uma bruxa esfarrapada (mentalmente também!); dessas com que as crianças adoram se assustar.

Trabalhar com população em situação de rua (ou com qualquer parcela de uma população socialmente excluída) compreende, entre outras coisas, o que o filósofo Guillaume Le Blanc chamou de capacidade de suportar gritos. Dentre as várias perdas, insucessos e fracassos, Le Blanc cita a progressiva destruição da capacidade de relato de si como um dos mais marcantes indicadores desse processo de precarização, caracterizando essa população como "sem voz".

Por isso, ao se abrir qualquer possibilidade de escuta, tal como uma imagem de uma represa contendo um volume grande de água por muito tempo, que tem abertas suas comportas de uma vez, a força desses relatos aparece de forma abrupta; como um grito violento de perdas e socorro.

Patrick Declerck, antropólogo e psicanalista francês, chama essa população de naufragos. Diante da enxurrada contratransferencial que, assim como os cheiros fortes da miséria encavernada por aí, gruda em quem escuta, me perguntava se eu também não estaria me afogando em toneladas de pensamento não pensados; meus, de Lucimara, do Bahiano, do Fumaça.

“Tenho ninguém não. Tenho medo de encontrar qualquer um dos filhos. As pedras na sacola é para não sair por aí voando de tão leve de dor de ter perdido cinco crianças, três filhos, mulher (...) O senhor está aqui conversando comigo e não sei quem mais vem aqui falar. Tem uma senhora que sempre ajuda eu, quer me levar para igreja dela (...) Ah, mas eu fujo, fujo. Gosto muito de conversar... (risos) Não sei se percebeu, mas minhas conversa é tudo fugindo (risos)... Fujo conversando”.

Como não se afogar? Cláudia Girola, antropóloga argentina, esclarece que a capacidade de escuta dessa população em situação de rua passa por tentar, juntamente com esse sujeito, transpor a escuta da perda, para também poder escutar as construções.

Fazer pesquisa de campo na rua, no meu caso, se dispor a escutar os da rua, é ir progressivamente percebendo, ao contrário da imagem figurativa que possuímos, que a rua, assim como um espaço mental, não é somente ampla; ela esconde cavernas claustrofóbicas. É preciso saber transitar e escutar estas variações. É preciso, depois de um tempo escutando, escutar mais, mais e mais: muitas vezes por semana.

Possibilidades de sobrevivência construídas no dia a dia, como qualquer um de nós, naufragos. E, muitas delas, pude observar, de uma criatividade ímpar. A própria satisfação do Fumaça, ao tomar posse sorrindo de um pensamento, que não sabia que era seu:

“Fujo conversando”.

Bahiano possui um carrinho de compras, lotado de pertences misturados com tudo o que se é possível coletar e que ele chama de peças para seu grande projeto. Parados do lado de fora de um terreno cercado, Bahiano nos mostra, montando seu grande projeto. Tendo o carrinho de compras como base, ele encaixa, com todas as peças recolhidas, uma espécie de forte-apache. Uma casa, digna de Professor Pardal: antena, televisão, biblioteca, dois quartos e um apêndice de madeira, que se transforma num bric-a-brac mágico, em uma cozinha.

“A ideia é ir fazendo crescer; arrumei um tapete, desses persa, sei lá o nome. Vou plantar um jardim no tapete (risos). O senhor deve estar pensando: como esse maluco vai plantar um jardim no tapete? Grama artificial, rapaz. Depois é só embrulhar o tapete e montar a casa em qualquer canto. É bom para o dia de sol, deitar no jardim, olhar pro céu... Piscina tem também... Só ainda não descobri como dobrar água. Porque, deve ter percebido pela minha condição, que água eu não tenho não... (risos) rimou”.

Penso que é somente pela liberdade que a escuta psicanalítica proporciona ser possível escutar essas rimas, mais ou menos sutis, e poder conversar sobre elas. Se em um primeiro instante, a cacofonia verborrágica assusta, é preciso ouvi-las sempre, em busca de melodias.



Pedro de Andrade Calil Jabur é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb e coordenador do Projeto de Pesquisa Situações de rua: histórias de vida, vínculos e sociabilidade, UnB/CNPq.



# POR UM INSTANTE SÓ...

*Keyla Carolina Perim Vale*

Moro no centro... Ando e vivo por aqui... Num desses dias ensolarados, com alguns trocados no bolso, fui almoçar fora de casa. Caminhava e, à frente, até um pouco distante, vi uma velhinha e, próximo a ela, um carrinho; uma espécie de carrinho de bebê, sem a parte do bercinho que acolchoa a criança, com muitos papelões empilhados.

Ainda de longe percebi que alguém de passagem, caminhando, como eu, aproximou-se dela e ofereceu algo. Talvez como num gesto de quem aceita, ela esticou seu braço curtinho e pegou o que a pessoa ofereceu. À medida que me aproximava, eu pensava que, com os trocados do meu bolso, poderia retirar uma pequena parte e, na minha fantasia, contribuir para uma refeição dela, já que o horário, de uma maneira geral, coincidia com o período de almoço. Pus a mão no bolso da minha calça e separei dois reais para entregar a ela...

Estava bem perto, com o braço estendido e com a nota na ponta dos dedos, quando a velhinha olhou para mim e, balançando a cabeça, disse: “Não, agora não!”. E eu no mesmo instante me envergonhei e não associei que minutos antes ela havia começado uma espécie de louvor ou ritual, no qual levantava os dois braços ao céu e girava, se movimentando e cantando... Um gesto e num breve instante: completo. Não cabe mais nada, não quer mais nada... Tudo isso já acontecia e eu lá, com o meu braço estendido, sem entender... Paralisada, totalmente impactada, abaixei o meu braço, hesitei em ir, mas segui o meu caminho... Já não era mais tempo!

## VELHINHA...

*Caminhei tempo demais?*

*Ela recolhia papel, e eu?*

*Deixei o instante passar:*

*O instante de não querer oferecer,*

*O instante de não atrapalhar,*

*O instante dela e eu com o meu...*

*Passou... Ele volta?*

*Nunca mais a vi...*

*Escorri inteira e deixei meu pedaço sair:*

*Fiquei com a meia; essa que esqueteu meu pé, e ela?*

*Descalça, sem frio e sem medo; por um instante só...*

*Se tivesse muitas rugas e catasse papel*

*Seria eu essa velhinha?*

*O que seria então?*

*Talvez o mesmo de agora:*

*Alguém que chora e só sente o instante passar...*



*Keyla Carolina Perim Vale é membro do Instituto de Psicanálise da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.*

# UM VASO DE FLOR...

*Daniela Boianovsky*

*“Livre pensar é só pensar”  
(Millôr Fernandes)*

Morei na Inglaterra por um ano, há um bom tempo, e umas das peculiaridades que me hipnotizaram naquele país foram as suas praças, parques, jardins, o verde intenso que, naquela paisagem tão chuvosa e de céu cinzento na maioria dos dias, capturava o meu olhar. Da janela do meu apartamento eu tinha a sorte de contemplar uma típica praça inglesa, com seu grande número de árvores que se transformavam a cada três meses: das copas cheias e do delicioso som produzido por suas folhas sacudidas pelo vento, ao silêncio seco dos galhos nus; das folhas verdes àquelas que, de tão avermelhadas, eram como fogo aquecendo a praça; da aparente ausência de vida e de cores à força dos pequenos pontos verdes que, milagrosamente, brotavam aos milhares daqueles galhos após longo e tenebroso inverno. Um ciclo que me causava encantamento e algumas descobertas: enquanto caminhava por aquelas ruas geladas, coberta por várias camadas de roupa, observava o quanto as árvores, nuas, se revelavam no inverno, expostas como um esqueleto exibindo a sua estrutura em desenhos, às vezes tão expressivos, que desafiavam a minha imaginação e me distraíam de todo aquele frio. Na estação seguinte, com a chegada das mais diversas flores, a cidade explodia numa festa que era trazida para dentro das casas através de belas combinações dessas flores em arranjos que coloriam a sala dos ingleses e... a minha!

De volta a Brasília, revisito aquele ano cada vez que, em nossas ruas, me vejo agora hipnotizada com as formas do cerrado, o ciclo dos ipês, flamboyants, paineiras, com o nosso verde renascendo quase que milagrosamente com as primeiras chuvas que encerram, enfim, nosso longo e desconfortável período da seca.

Outro dia, caminhando por um jardim numa inspeção que pudesse me render um vaso de flor, ao divagar sobre possíveis combinações entre as plantas esparramadas por ali, percebi que poderia identificar, em meio ao “disfarce” dentre tantos estímulos, novas formas que me rendessem um arranjo diferente daqueles que já havia feito. Para isso eu precisava descobri-las, reinventá-las, explorá-las na diversidade de cortes, cores, galhos, folhas e combiná-las com os vasos que tinha em mãos. Até arbustos, antes desprezados para este fim, se revelavam como opções esteticamente interessantes. Um paralelo surgiu na minha mente: aquela busca, aqueles cortes e suas novas combinações foram desenhando algo como um modelo para pensar momentos vividos com meus pacientes. Algo muito simples, embrionário, mas, como todo modelo, ilustrativo. O que antes parecia limitar-se a uma caminhada com um objetivo na cabeça e um alicate na mão, foi se transformando num exercício inusitado de associações.

Lembrei da dificuldade, tantas vezes presente na dupla psicanalítica, de identificar, em meio à enxurrada de estímulos que os relatos nos trazem, o conteúdo latente, os afetos relativos à transferência e contra-transferência, o significado inconsciente do discurso manifesto. Incrustado na vegetação densa da resistência, o conteúdo que perseguimos e que melhor fala sobre o nosso paciente – e sobre nós mesmos – precisa ser extraído/percebido, ou mesmo criado/construído após muita observação e escuta. Como, então, criar ou recombinar a partir da mata sensorial das histórias, das queixas, da dor...? Como pinçar daqueles “galhos” às vezes tão secos e desvitalizados o potencial da mudança e do crescimento, a possibilidade de um trânsito mais livre e rico entre as estações dos estados da mente? Ou, ainda, como perceber a folha, o galho, a flor



que existe naquela estrutura, que possam ser combinados em novos arranjos, novos desenhos, novos sentidos, antes desfocados naquele jardim mal cuidado? Podemos, na nossa dupla, transformar o desabafo, a evacuação, em adubo para novas associações? Percebi que tinha em mente o texto de nossa colega Cláudia Carneiro, “Realidade sensorial e realidade psíquica: trânsito e turbulência” (in *Revista Brasileira de Psicanálise*, vol. 47, n. 4, 2013) – premiado no XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise, lido recentemente por mim e cujo conteúdo ecoava na minha caminhada.

Seguindo no passo de divagações, me vem outra imagem: enquanto as flores são “arrancadas” de sua morada para compor uma nova forma, ao construir com o paciente novos “arranjos” – entendendo, aí, o seu funcionamento psíquico – estamos, juntos, identificando e “devolvendo” algo que é próprio do sujeito. Aproximando-nos, quem sabe, das raízes de sua subjetividade. Uma nova fronteira é estabelecida para ampliar um território de conteúdos integrados, antes dispersos, desgarrados e não reconhecidos.

Caminhar com o paciente, muitas vezes, é

sentir o frio cinzento e angustiante do inverno inglês. Mas também é acreditar na capacidade da dupla de produzir mudanças e novas “paisagens”, de extrair do galho nu o sentido inconsciente, do silêncio o som interno, da seca e do vazio o broto... E, se os momentos de verdadeiro insight são raros, lembremo-nos dos ipês, com sua floração exuberante, também rara, abastecendo de cor e beleza a seca de nosso cerrado, fazendo-nos pensar que a espera – sem flor – valeu a pena.



*Daniela Boianovsky é psicóloga e membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsB.*

# AMOR: DESEJO DO QUE NÃO SE TEM

Veridiana Canezin Guimarães

Já há algum tempo o tema de Eros tem me instigado, principalmente, no que tange aos caminhos que a pulsão sexual constrói na sua relação com o outro para sustentar uma condição subjetiva. Na travessia do autoerotismo ao amor de objeto, na qual não se subentende uma visão evolucionista, múltiplas possibilidades de destinos das pulsões sexuais podem estar presentes. E sabemos que a força desse vínculo está na figura de Eros, que inscreve no psíquico os objetos do mundo externo, fazendo-os internos, aludindo à realização de um investimento libidinal que implique o par pulsão e objeto.

Nessas reflexões sobre Eros, me aproximo do poeta grego Hesíodo que, em *Teogonia*, configura Eros fundamentalmente como uma entidade abstrata, um deus portador de força cósmica, que engendra o mundo e traz harmonia ao caos. Enquanto o caos é o representante do vácuo primitivo reinante no universo, Eros é a energia que organiza e unifica tudo. Mas Eros tem Anteros como adversário no mundo divino, isto é, a manifestação da antipatia, da aversão e da discórdia. Essa divindade tem todos os atributos opostos aos de Eros: separa, desune, desagrega. Talvez tão forte e poderoso como Eros, Anteros impede a produção de vínculos, semeando a discórdia e o caos.

N'O *Banquete* de Platão, diálogo escrito por volta de 380 a.C, composto de discursos sobre a natureza e as qualidades do amor (Eros), o banquete consiste na celebração e no louvor a Eros. O seu objetivo é definir o amor. Entre os presentes estão Aristodemo, Fedro, Pausânias, Ágaton, Eríximaco, Aristófanes, Alcebíades e Sócrates, o mais importante dentre eles. Sócrates, na sua juventude, fora iniciado na filosofia e genealogia amorosa pela sacerdotisa Diótima de Mantinéia. E entre os diversos discursos realizados, um ponto do diálogo dele com Ágaton ressalta que parece conter um apontamento crucial sobre o conceito de

amor: o que se ama é somente aquilo que não se tem. Disse Sócrates: o que deseja, deseja aquilo de que é carente. (...) Deseja o que não está à mão nem consigo, o que não tem, o que não é ele próprio e o de que é carente; tais são mais ou menos as coisas de que há desejo e amor, não é? Esse Amor de Sócrates é amor de algo, certamente desejado. Mas o objeto de amor só pode ser desejado quando não é possuído, quando falta. O amor é desejo do que não se tem.

Quando Freud, em seu texto sobre o narcisismo, discorre sobre a escolha objetual narcísica, conceitua-a como uma escolha de amar aquilo que se foi e deixou de ser, ou amar aquilo que possui a qualidade que nunca se terá. "Será amado aquilo que possui uma qualidade que falta ao Eu para chegar ao ideal" (Freud, 1914). Ama-se aquilo de que se é carente, deseja-se o que não está à mão nem consigo, o que não se tem, o que não é ele [si] próprio. Nesse contexto, o amor parece coadunar-se à necessidade de um deslizamento egóico, um afastamento da condição narcísica, embora, em certa medida, não possa também prescindir dela. Por outro lado, cabe refletir sobre a condição do amor numa cultura como a contemporânea, marcada pela fragilidade dos laços afetivos e pela efemeridade dos encontros. Esse comportamento denotaria uma maior abertura para amar ou seria o sintoma de uma sociedade que busca freneticamente uma completude impossível de ser alcançada?

Convém lembrar que Platão concebe o amor como algo intermediário, que está presente entre dois extremos. "(...) São os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o Amor. Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante". Platão retira de Eros (Amor) a condição de deus e o transforma em intermediário entre os deuses e os mortais, o que permite pensá-lo

como mediação para a construção de laços e relações. Dessa forma, deixa entrever que ele deve ser pensado em termos relacionais.

Supondo que o homem se orienta segundo o princípio do prazer, Freud conclui pela existência de uma força de sentido contrário, que se opõe à descarga total de energia, e que implica desagregação, morte e retorno ao inorgânico. Eros tomado em seu sentido original é o que permite o laço social e a construção da civilização, aproximando-se assim o Eros freudiano do Eros platônico. No conteúdo, Eros, o amor, é fundamentalmente um intermediário entre homens e deuses, entre a ignorância e a inteligência, entre o feio e o bonito; Eros só existe porque tem Anteros. Nesse contexto, embora tenha a intenção de tudo incluir e tudo preservar, para a psicanálise o Eros em si mesmo não traz nenhuma ideia de plenitude, pois deve ser tomado na sua contradição, como desejo do que não se tem e dividindo a batalha da vida com a atuante pulsão de morte.

No contexto da libido objetal, sabemos que toda pulsão parcial busca satisfação no próprio corpo, autoeroticamente, coadunando com o estágio narcísico da libido. É apenas num segundo momento que a pulsão parcial separa-se do objeto de apoio para se tornar autônoma. Para que procurar um objeto se o ato autoerótico traz prazer? “Por que a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos.” (Freud, 1914). O represamento da libido no eu é sentido como desprazeroso, expressão de maior tensão, conferindo ao aparelho psíquico a tarefa de lidar com essas excitações, orientando a libido do eu para os objetos. A construção dessas relações entre o eu e os objetos expõe, portanto, a história dos variados laços da economia libidinal.

Assim, há uma relação, de certo modo preponderante, entre a capacidade de o sujeito investir em objetos e a continuidade da vida e

da saúde: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas, no final, precisamos começar a amar para não adoecer, e iremos adoecer se, em consequência de impedimentos, não pudermos amar.” (Freud, 1914). Só o amor transforma o egoísmo em altruísmo e mantém vinculados os grupos humanos, principalmente porque impõe um freio ao narcisismo, demandando sequências mais amplas. Diante da impossibilidade de satisfação completa e das inescapáveis frustrações das fantasias de onipotência, o sujeito se vê às voltas com se lançar fora do seu próprio centro, ainda que seja em busca do objeto capaz de lhe restituir ilusoriamente a experiência primordial. Lembremos que no labirinto da paixão narcísica não há espaço para diferença, separação ou limite. Ela é, portanto, mortífera. Já os caminhos do amor, como nos lembra Hélio Pellegrino, nos levam a nos afastarmos da onipotência do desejo narcísico e nos condenam à perigosa vertigem da liberdade.

Como na direção socrática, essa reflexão termina por demonstrar certo *elogio* ao amor, que se constitui responsável pelo desejo universal de possuir o belo e o bom; um desejo de continuidade; o que só pode ser pensado a partir de vínculos construídos.



*Veridiana Canezin Guimarães é psicóloga clínica, pesquisadora colaboradora e pós-doutoranda em psicologia clínica (UnB) e membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb.*

# INQUIETAÇÕES

Marina Abdalla de Souza Porto

Já faz algum tempo que me percebi na clínica (e fora dela) envolta por temas como o desejo de se relacionar, a rapidez dos relacionamentos, a insegurança de não ser amado e não saber amar, a busca de reconhecimento nas redes sociais. O que se evidenciava era a necessidade dessas pessoas de sentirem sua própria existência com a crença de que estavam dando um rumo adequado a ela. Porque, para além dessas questões, pairava uma maior: “Estou sendo feliz?”

O sentimento de existência se vincula à imagem que achamos que os outros fazem de nós e que fazemos de nós mesmos. Trata-se daquele conhecido percurso onde a busca de si mesmo se dá a partir da relação com o outro. Nos dias de hoje, entretanto, para se sentir existindo tem-se que ser visto e reconhecido de forma imediata, o que esvazia o olhar e principalmente a sensação de como foi olhado. As redes sociais viabilizam (e confundem) toda essa exposição e definem uma nova maneira de relação. Você tem algum valor de acordo com o número de amigos que tem (ele deve ser alto, mesmo que você confie em poucos), com as fotos que você publica e causam alvoroço na rede, com os comentários que faz.

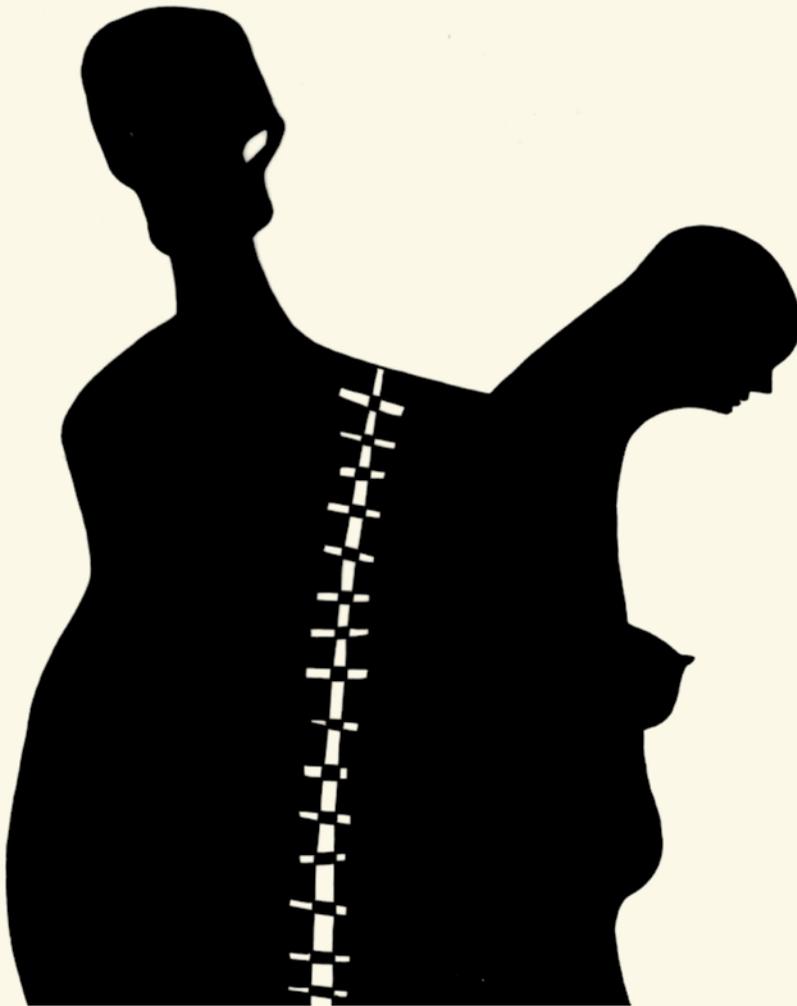
É necessário dizer que algumas pessoas usam essas redes de forma diferente: elas usam tais redes, mas não permitem que sejam usadas por elas. Digo isso porque o efeito desse uso virtual tem sido o desconhecimento de si mesmo e a ilusão de que se conhece o outro. Este é visto com uma vida ou aspectos de personalidade que se gostaria de ter, mas não é possível. O que diferencia esse grupo que se sente atacado quando tenta se encontrar é o lugar onde as pessoas buscam a si mesmas. Buscam fora de si, e encontram o vazio, a solidão e os sentimentos de pequenez e desamparo. E assim, com essas queixas e assumindo um lugar de vitimização, chegam aos nossos consultórios. De nós exigem res-

postas rápidas, conforme o modelo de vida veloz que seguem. Veloz e voraz. Precisam de objetos para investimento e a eles entregam boa parte de sua energia. Voracidade que causa empobrecimento egoico.

Acompanhando um dos analisandos que traziam essas questões, me dei conta de que, volta e meia, ele mencionava o livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, de Zygmunt Bauman. Já tinha ouvido falar, mas não lido. Após uma leitura, pude pensar que esses analisandos estavam vivendo nessa liquidez. E quantos de nós também não estaríamos? Esse também não seria por vezes meu mundo e o seu?

O que Bauman chamou de liquidez e me refiro neste texto é o movimento, a transição a qualquer custo (ou sem custo algum), a conectividade sem conexão ou engajamento. A velocidade aqui é ponto crucial. Uma questão já não precisa ser pensada, pois seu tempo já passou. Sabemos que o movimento é próprio da psicanálise, sendo deslocamento ou transformações dos esquemas de pensamento. O movimento líquido, porém, parece-me de outra natureza. Que futuro teria o trabalho analítico num mundo líquido? O que se tem visto é um número crescente de pessoas investindo menos nas relações para conseguirem rompê-las sem sofrer, ou com o menor sofrimento possível. Tem se tornado mais fácil curtir uma página numa rede social ou uma foto do que se aproximar da pessoa e conversar. Está cumprida a tarefa social. Relacionar-se virou uma tarefa, algo a se cumprir. A qualidade a se desejar. Quantos vínculos não estariam sendo atacados na ilusão de serem alimentados?

E quantas pessoas sofrendo dor e angústia! Freud fala de dor no trauma do desmame, na separação do objeto. E a angústia é a reação à ameaça de reviver essa dor. Angústia é a reação a uma expectativa de dor semelhante. Quantos estão se sentindo desnutridos?



Reivindicando que o desmame (frustração) veio cedo demais? Ocorre que existência e completude têm sido relacionadas e esperadas juntas. Há uma grande dificuldade de se aceitar que o que nos inscreve na espécie humana é a falta, a cesura.

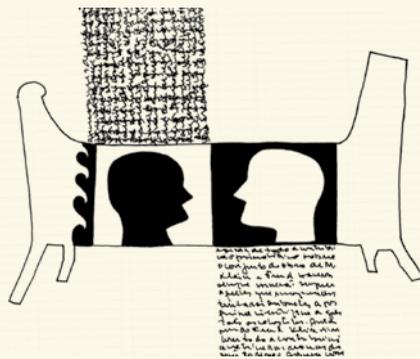
E então me pergunto: Será que nossos analisandos estão fazendo conexões, ou estão somente se conectando? Estão curtindo nossas interpretações porque fazem sentido ou porque não querem se revelar e correr o risco de nos desagradar? E como estamos diante deles? Como está nossa conexão com a psicanálise e o fazer analítico? Como está nossa conexão com o próprio vazio, com nossa falta, nossa liquidez? Vejo pessoas embarcando na liquidez para ir para longe do ato de pensar quando qualquer pensamento irrompe.

Sessões em silêncio... Longas sessões em que, apesar de não ser pronunciada uma palavra, há muito sendo dito ali. Mas o que? Ou, então, sessões corridas. Sim, sessões em que tantas palavras são para confundir o analista e nenhuma relação ou comunicação se estabelecer. Ou ainda, temos discurso incoerente com o afeto. E o que o analisando espera do

analista? Que o analista saiba esperar. Esperar que do silêncio brote uma emoção, do vazio surja uma lembrança, das palavras excessivas venha um pensamento e que este nos presenteie com o pensar voltado para dentro do nosso confuso e fascinante mundo interno. E para não perder tal oportunidade, é preciso que o analista tenha antes se atirado e sobrevivido a seus abismos para, então, se atirar mais uma vez, agora ao abismo de seu analisando e junto dele.



*Marina Abdalla de Souza Porto é psicóloga e membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da SPBsb.*



*Só conhecemos uma realidade  
- a dos pensamentos.*

FRIEDRICH NIETZSCHE